



Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Escola Superior de Ciências da Saúde – ESA
Licenciatura em Educação Física – Oferta Regular



Jorge Fernando Gadelha De Souza

Entre Desafios, Conquistas e Superação: a Formação Docente em Educação Física sob a Perspectiva de um Acadêmico Pós-Acidente Vascular Encefálico

Manaus

2025



Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Escola Superior de Ciências da Saúde – ESA
Licenciatura em Educação Física – Oferta Regular



Jorge Fernando Gadelha De Souza

Entre Desafios, Conquistas e Superação: a Formação Docente em Educação Física sob a Perspectiva de um Acadêmico Pós-Acidente Vascular Encefálico

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito final da disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Educação Física, para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sheila Moura do Amaral

Manaus

2025



Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

S719e	<p>Souza, Jorge Fernando Gadelha de Entre Desafios, Conquistas e Superação: a Formação Docente em Educação Física sob a Perspectiva de um Acadêmico Pós-Acidente Vascular Encefálico / Jorge Fernando Gadelha de Souza. Manaus : [s.n], 2025. 18 f.: color.; 21.0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Orientador: Amaral, Sheila Oliveira do.</p> <p>1. Acidente Vascular Encefálico. 2. Educação Física. 3. Formação Docente. 4. Desafios. 5. Conquistas. I. Amaral, Sheila Oliveira do (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título</p> <p style="text-align: right;">CDU(1997)796</p>
-------	---



Universidade do Estado do Amazonas - UEA
Escola Superior de Ciências da Saúde – ESA
Licenciatura em Educação Física – Oferta Regular




JORGE FERNANDO GADELHA DE SOUZA

Entre Desafios, Conquistas e Superação: Um Relato sobre Formação Docente em Educação Física Pós-AVE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito final da disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Educação Física, para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 SHEILA MOURA DO AMARAL
Data: 04/12/2025 16:38:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Orientadora: Sheila Moura do Amaral
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Prof. avaliador: Vanderlan Santos Mota
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Documento assinado digitalmente
 DIEGO GRASEL BARBOSA
Data: 05/12/2025 08:18:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Prof. avaliador: Diego Grasel Barbosa
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

RESUMO

Introdução: O Acidente Vascular Encefálico (AVE), comumente chamado de derrame cerebral, trata-se de uma alteração no fluxo sanguíneo cerebral, podendo ser isquêmico ou hemorrágico. Entre suas sequelas, destacam-se as crises de epilepsia, ocasionadas por inflamações, cicatrizações ou lesões cerebrais, exigindo tratamento medicamentoso com antiepiléticos e acompanhamento médico para a redução das crises e melhora da qualidade de vida dos indivíduos. **Objetivo:** Relatar minhas experiências enquanto acadêmico do curso de Educação Física após um Acidente Vascular Encefálico (AVE), com sequelas de crises epiléticas. **Procedimentos Metodológicos:** Trata-se de um relato de experiência referente à minha trajetória acadêmica, iniciada em 2019, no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA), localizada na zona sul da cidade de Manaus. **Relato de Experiência:** A experiência abrange desde o início da graduação até o acontecimento do AVE, ocorrido em agosto de 2020, durante o período pandêmico, além do processo de reabilitação, reinserção na universidade e vivências relacionadas à formação docente, especialmente durante os estágios supervisionados. **Considerações Finais:** Este trabalho foi de grande importância por enfatizar minha trajetória acadêmica e pessoal; espero que contribua para a literatura científica, estimulando a participação de novos indivíduos com as condições similares a minha para que possam alcançar seus sonhos e objetivos, assim como eu alcancei os meus. Destaco, ainda, o processo de reinserção e integração na universidade, vivido em parceria com professores, coordenadores e demais acadêmicos, que compreenderam minhas limitações, assim como, acreditaram nas minhas potencialidades e capacidade de prosseguir na vida acadêmica por meio da organização de estratégias específicas e me apoiaram em todas as etapas desse percurso.

Palavras-chave: Acidente Vascular Encefálico; Educação Física; Formação Docente.



ABSTRACT

Introduction: A cerebrovascular accident, commonly known as a cerebral hemorrhage, is a condition characterized by an alteration in cerebral blood flow, which can be ischemic or hemorrhagic. Among its sequelae, epileptic seizures stand out, caused by inflammation, scarring, or brain injuries, requiring pharmacological treatment with antiepileptic drugs and medical follow-up to reduce seizures and improve individuals' quality of life. **Objective:** To report my experiences as a Physical Education undergraduate student after a cerebrovascular accident, with epileptic seizure sequelae. **Methodological Procedures:** This is an experience report concerning my academic trajectory, which began in 2019, in the Physical Education Teaching Degree Program at the University of the State of Amazonas (UEA), at the School of Health Sciences (ESA), located in the southern area of Manaus. **Experience Report:** The experience covers the period from the beginning of the degree program to the occurrence of the cerebrovascular accident in August 2020, during the pandemic, as well as the rehabilitation process, reintegration into the university, and experiences related to teacher education, especially during supervised internships. **Final Considerations:** This work was of great importance as it highlights my academic and personal journey; I hope it contributes to the scientific literature, encouraging the participation of new individuals with conditions similar to mine so they can achieve their dreams and goals, as I achieved mine. I also highlight the process of reintegration and inclusion within the university, lived in partnership with professors, coordinators, and fellow students, who understood my limitations and believed in my potential and ability to continue my academic life through the organization of specific strategies, supporting me through every stage of this journey.

Keywords: Cerebrovascular Accident; Physical Education; Teacher Education.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	9
3. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	10
4.1 O Contexto acadêmico inicial.....	10
4.2 Acontecimento e o processo de reabilitação.....	10
4.3 Retorno às aulas presenciais, o processo de reinserção acadêmica.....	13
4.4 Processo de formação docente e as experiências em sala de aula.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS	18



1. INTRODUÇÃO

O Acidente Vascular Encefálico (AVE) refere-se a uma interrupção ou alteração súbita do fluxo sanguíneo, podendo ser classificado como isquêmico ou hemorrágico (Spence; Barnett, 2013). Trata-se de uma condição médica grave, conhecida popularmente como derrame cerebral. De acordo com Araújo *et al.* (2017), o acidente vascular encefálico é decorrente de fatores de risco que podem ser modificados ou controlados, como o consumo de álcool, drogas e tabaco, além de diabetes, dislipidemia, obesidade, sedentarismo, uso de anticoagulantes, anticoncepcionais, aneurismas, traumas na cabeça, malformação arteriovenosa e até mesmo a idade avançada.

Conforme o estudo de Marcial (2024), muitos fatores podem contribuir para casos de AVE, como sedentarismo, má alimentação e o descontrole de comorbidades como hipertensão arterial e diabetes. O autor destaca que a adoção de um estilo de vida saudável, com alimentação equilibrada, prática regular de atividade física e cuidados preventivos com a saúde, pode reduzir significativamente a incidência de AVE ao controlar os fatores de risco associados.

Conforme Moreira *et al.* (2024), pacientes vitimados por AVE retornam para casa com sequelas que limitam a independência e a funcionalidade, comprometendo a qualidade de vida. De acordo com Teixeira *et al.* (2024), a epilepsia é uma sequela comum em pacientes acometidos por AVE, sobretudo nos casos hemorrágicos, nos quais há processos inflamatórios e lesões estruturais. As crises podem surgir de forma precoce, nas primeiras semanas pós-AVE, ou tardiamente, decorrentes de danos permanentes no tecido cerebral. O tratamento geralmente envolve o uso de medicamentos antiepilépticos, capazes de reduzir a frequência das crises e proporcionar melhor qualidade de vida ao paciente.

O AVE, na maioria das vezes, é descrito na literatura científica por profissionais da área da saúde que buscam identificar e compartilhar estratégias



de prevenção e reabilitação, que é de extrema importância, porém, os aspectos sociais quanto os espaços de convivência, processos de inclusão em ambientes de trabalho ou universitários, são esquecidos. Entretanto, é necessário tratar sobre medidas de primeiros socorros com universitários, para que saibam como proceder em casos de crises e, assim, assegurar a integridade física e a permanência dessas pessoas em todos os espaços.

Portanto, o relato apresentado trata da minha trajetória acadêmica no ensino superior, no curso de Educação Física, em uma universidade pública do Amazonas. Logo no início das aulas durante o período pandêmico (agosto de 2020), sofri um AVE e, como consequência, passei a ter crises constantes ao longo da minha formação, as quais foram descritas ao longo deste relato.

Relatar essa experiência é uma forma de registrar a trajetória acadêmica de alguém que passou por essa condição e, ao mesmo tempo, incentivar outras pessoas acometidas por AVE a não se limitarem pelas sequelas ou pelo receio da convivência social. A partir deste ponto, o relato foi organizado em categorias, abordando o acontecimento, o processo de reabilitação, a reinserção acadêmica e a formação docente, enquanto discente do curso de Educação Física.

Com base no que foi exposto, o objetivo deste estudo foi relatar as experiências enquanto acadêmico do curso de Educação Física após um Acidente Vascular Encefálico (AVE), com sequelas de crises epiléticas.

2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O relato constitui-se de uma experiência pessoal vivida em uma universidade pública como acadêmico. Esse formato de produção, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), tem como finalidade expressar, por meio da escrita, vivências capazes de contribuir para o conhecimento científico, dentro das mais variadas temáticas.

O relato traçará o percurso da minha trajetória na formação inicial em Licenciatura em Educação Física de forma detalhada, apresentando minhas



vivências nas disciplinas teóricas e práticas do curso, a partir do contexto de um Acidente Vascular Encefálico (AVE), com crises recorrentes de epilepsia, abordando o processo de reabilitação, reinserção e formação acadêmica.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

4.1 O Contexto acadêmico inicial

A história que será relatada aqui tem início no ano de 2020, durante o período pandêmico, quando fui vítima de um AVE do tipo hemorrágico. Fiquei 35 dias internado, entre os meses de agosto e setembro de 2020. Embora se tratasse de um quadro delicado de saúde, em meio ao medo e às incertezas, eu sabia que não poderia viver escondido nem refém das crises convulsivas adquiridas após o AVE.

Em 2019, iniciei minha vida acadêmica aos 19 anos de idade. Meu sonho inicial era ser professor, contudo, não de Educação Física, mas sim de Língua Portuguesa. Sempre fui atraído pela área de Humanidades, pela leitura e pela escrita, talvez por influência da minha mãe, que também é professora de Língua Portuguesa, e de um professor do Ensino Médio que, por meio das aulas de Literatura, despertou em mim o fascínio pela disciplina. Entretanto, a Educação Física, assim como Língua Portuguesa, me fascinava. Muito por conta das competições esportivas que assistia na televisão e por um parente, que também é professor de Educação Física.

4.2 Acontecimento e o processo de reabilitação

Em 2020, passei por uma situação bastante conturbada ao não conseguir solucionar um problema com a documentação referente ao alistamento militar. Isso desencadeou um quadro emocional estressante, marcado pela raiva, e, ao chegar em casa, eu precisava descansar, sendo essas as minhas últimas recordações antes do AVE.

De acordo com meus familiares, eu me queixava de dores de cabeça muito intensas, semelhantes ao episódio anterior de AVE que sofri em 2017. Por



conta disso, fui levado ao hospital, onde realizei uma tomografia computadorizada que confirmou o rompimento de um vaso sanguíneo, sendo encaminhado diretamente para a internação na unidade de tratamento intensivo (UTI). O AVE ocorreu devido a uma malformação arteriovenosa (MAV), diagnosticada em 2017, condição que não foi tratada a tempo devido à dificuldade de acesso ao tratamento através do Sistema Único de Saúde (SUS). No dia seguinte à minha internação, uma equipe médica composta por neurocirurgião, neurocirurgião endovascular e oncologista realizou um procedimento cirúrgico que durou mais de oito horas, incluindo craniotomia, embolização e radiocirurgia, respectivamente.

O SUS é de extrema importância para a saúde de todos nós. Pensando nisso, Moimaz *et al.* (2010) buscaram identificar as percepções de usuários quanto aos serviços prestados na saúde pública e encontraram que a maioria dos entrevistados considera o sistema de saúde bom ou ótimo, mas destaca como principais problemas as grandes filas de atendimento, a escassez de materiais, a deficiência de recursos físicos e as queixas relacionadas à falta de acolhimento e humanização durante os atendimentos. Essas percepções são de total importância, pois devem ser consideradas como indicadores para o planejamento de ações em saúde.

O Sistema Único de Saúde (SUS) é de grande importância para todos nós, brasileiros. No estudo de Moimaz *et al.* (2010), buscou-se identificar as percepções de usuários quanto aos serviços prestados na saúde pública. Embora os relatos dos entrevistados destacassem dificuldades de acesso aos atendimentos médicos, como longas filas, escassez de materiais, recursos humanos insuficientes e estruturas físicas inadequadas ou inexistentes, a grande maioria ainda considera o sistema de saúde bom ou ótimo, reconhecendo sua relevância social.

Além disso, o estudo de revisão elaborado por Oeschler *et al.* (2022) buscou identificar os principais motivos que geram a demora no atendimento do SUS, sendo eles: a falta de pacientes sem aviso prévio, ocupando a vaga de



quem realmente precisa do atendimento; encaminhamentos desnecessários e evitáveis; e a falta de coordenação de agendas e de recursos humanos.

Apesar desses desafios enfrentados pelo serviço público de saúde, por sorte, tive a oportunidade de ser atendido em um hospital de referência na cidade de Manaus. Após as cirurgias, tive hemiplegia do lado esquerdo causada pela hemorragia cerebral e pelos procedimentos cirúrgicos. Embora eu sentisse os membros, não conseguia movê-los. Os médicos afirmaram que eu usaria cadeira de rodas para me locomover, pois não voltaria a andar. Graças à incansável fé da minha mãe, que nunca deixou de acreditar na minha recuperação, realizei várias sessões de fisioterapia que me permitiram sair andando do hospital, mesmo com dificuldades.

De acordo com Moreira *et al.* (2024), o AVE tem sido uma das principais causas de morte no mundo. Pacientes que se recuperam e recebem alta hospitalar necessitam de acompanhamento e orientação fisioterapêutica em decorrência das limitações motoras e funcionais advindas das sequelas, que afetam a qualidade de vida e a independência dos mesmos.

Em casa, os cuidados continuaram, ainda mais intensificados em meio à pandemia de covid-19. Em 2021, realizei o tratamento da MAV por meio de radiocirurgias, com o objetivo de solucionar esse problema definitivamente, visto que o procedimento cirúrgico de embolização não poderia tratar completamente a condição, pois os vasos sanguíneos eram de pequeno calibre.

No ano seguinte, em 2022, realizei um exame de imagem, a arteriografia, que constatou a cura da MAV. No entanto, surgiu um pequeno aneurisma cerebral, que requer apenas acompanhamento médico. Após o término desse tratamento, os médicos destacaram que eu estava liberado para retomar minhas atividades acadêmicas. Em meio às incertezas e ao medo de enfrentar novamente a rotina diária da universidade, com aulas práticas e teóricas, passei a encarar esse desafio, ainda que de forma gradativa, matriculando-me em algumas disciplinas para me readaptar à rotina.



Destaco que, nesse momento da minha vida, o acompanhamento familiar foi importantíssimo, especialmente o da minha mãe, e uma tia, que sempre estiveram ao meu lado, enfrentando as dificuldades e acreditando nas melhoras que eu obtive.

4.3 Retorno às aulas presenciais, o processo de reinserção acadêmica

No final do ano de 2022, retornei às aulas na universidade após a autorização da equipe médica. Devido ao calendário especial adotado por causa da COVID-19, reiniciei no segundo período da graduação, cursando apenas três vezes por semana algumas disciplinas, para me readaptar ao fluxo acadêmico. Como já mencionei anteriormente, como sequela do AVE, adquiri crises convulsivas decorrentes da epilepsia. No início, minha mãe tinha muito medo de me deixar andar de ônibus e de que eu tivesse crises durante o deslocamento até a universidade ou no retorno para casa. Passei, então, a ser acompanhado por ela nos primeiros meses; ela me levava e buscava de carro.

Certa vez, no início de 2023, eu estava no Restaurante Universitário (R.U) aguardando um colega para irmos à parada de ônibus, quando tive minha primeira crise convulsiva na universidade. Graças aos meus amigos, que já sabiam da minha condição, fui prontamente socorrido por eles e por acadêmicos de Medicina que estavam no local. Eles me posicionaram adequadamente e aguardaram a crise cessar. De acordo com Correia e Pedro (2023), as crises convulsivas ocorrem devido a alterações nas conduções elétricas das células cerebrais e, quando prolongadas, são caracterizadas como epilépticas. Os autores buscaram mapear intervenções referentes às crises convulsivas em pacientes atendidos por profissionais de enfermagem, identificando como principal orientação os cuidados com a cabeça do indivíduo, a fim de evitar possível traumatismo craniano.

Conforme Barbosa *et al.* (2024), as crises convulsivas podem ser geradas por lesões, doenças neurológicas, traumas, tumores cerebrais, entre outras causas. Os autores destacam que os cuidados com esses pacientes são

complexos e devem ser realizados por uma equipe interdisciplinar, para que sejam fornecidos cuidados de saúde abrangentes, integrados e humanizados.

O processo de reinserção acadêmica se tornou mais leve ao considerar que os demais acadêmicos compreendiam minha situação e sabiam como me ajudar corretamente durante as crises de epilepsia. Eu sabia que as crises poderiam acontecer, então foi necessário informar professores e colegas sobre minhas condições e quais procedimentos deveriam ser adotados. Essa comunicação foi muito importante, todos os professores contribuíram para a minha reinserção, conheciam minhas limitações e, durante o desenvolvimento das aulas práticas, eu participava dentro dos meus limites. Não ficava apenas observando, pois queria participar, ainda que não da mesma forma que os demais.

Foto 1: Participação nas aulas práticas em jogos de taco e raquete.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A foto acima (Foto 1), mostra minha participação durante as aulas práticas, mesmo com dificuldades (limitações físicas e realização apenas de atividades de baixa intensidade), foi fundamental para que eu pudesse compreender as atividades e adquirir conhecimentos que mais tarde pude aplicar durante minha formação e experiência docente acadêmica.

4.4 Processo de formação docente e as experiências em sala de aula

Neste capítulo, irei tratar sobre a minha relação com o estágio curricular obrigatório, período escolhido por ter tido contato com a sala de aula e as quadras, atuando como professor/aluno, e como esse momento se tornou, de um desafio, uma experiência libertadora.

Meu primeiro estágio foi em uma escola municipal, localizada no bairro Cidade Nova, em Manaus/AM, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estive acompanhado de outro acadêmico durante o estágio, e ele possuía experiência prévia em sala de aula, o que nos ajudou a conduzir de forma mais eficiente o desenvolvimento das atividades, principalmente quanto à maneira de agir, falar e explicar para os alunos.

Foto 2: Alunos dos anos iniciais do estágio I.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Lecionar para alunos do 1º e 5º ano foi desafiador, pois enfrentávamos dificuldades em conduzir as aulas, já que a maioria das crianças corria e gritava pela sala ou pela quadra, e tínhamos receio de que se machucassem. A foto acima (Foto 2) mostra alguns alunos do 1º ano comigo, aguardando o horário da saída após a aula de Educação Física.

De acordo com Marques, Oliveira e Santiago (2023), o estágio curricular obrigatório é de grande importância na formação acadêmica de futuros docentes de Educação Física, tendo em vista a aplicação da formação teórica e prática da universidade no contexto escolar. Durante minha formação docente, desenvolvi minhas habilidades em sala de aula e na quadra ao longo das atividades propostas, e passei a acreditar que não seria tão feliz cursando Letras quanto sou cursando Educação Física. Corroborando isso, apresento algumas fotos (Foto 3) durante a minha participação em aulas práticas, nas disciplinas de Educação Física Adaptada e Atividades de Recreação e Lazer em Meios Naturais, realizando práticas psicomotoras e modalidades de aventura com escolares.

Foto 3: Participação durante aulas práticas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Durante o estágio supervisionado, eu já estava em uma etapa avançada da graduação, no 7º período, e havia passado por diversos episódios, incluindo várias crises de epilepsia. Hoje, não tenho medo de vivenciar crises em outros ambientes; mantenho sempre um pensamento positivo, para que isso não me impeça de continuar ou de experimentar o novo. Nunca tive crises dentro da escola, mas tive uma em frente a ela, quando estava chegando de carona com



um dos meus amigos e a crise ocorreu ainda no carro. De qualquer forma, isso não se tornou uma barreira, apenas mais uma entre tantas outras que aprendi a superar.

Pensando nisso, destaco a importância de compreender um pouco sobre as crises de epilepsia. Durante a crise, é necessário afastar o indivíduo de objetos que possam machucá-lo e posicionar o corpo de lado, sem movimentos bruscos, para evitar possíveis engasgos ou vômitos que comprometam a respiração. Após a crise, é comum que a pessoa fique desorientada, confusa, sonolenta e com dores de cabeça. Durante a graduação, em meio às crises, meus amigos universitários sabiam como agir e estavam sempre atentos aos sinais, para que pudessem me socorrer adequadamente.

Finalizo meu relato com alegria, destacando a história da minha trajetória acadêmica pós-AVE. Agradeço a parceria dos docentes e discentes, que sempre compreenderam minhas limitações e me apoiaram em momentos de crise e dificuldade. Espero incentivar outras pessoas que foram vítimas de AVE a seguirem seus sonhos e entenderem que, apesar das limitações e complicações, é possível ter vida social, acadêmica e, futuramente, profissional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre quis abordar o AVE de forma acadêmica e fico feliz por concluir a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o relato da minha trajetória acadêmica. Espero que este trabalho contribua para a literatura acadêmica e encoraje novos universitários e futuros docentes a buscarem seus sonhos. Como destaquei nos capítulos anteriores, após o AVE adquiri, como seqüela, crises de epilepsia. Embora não sejam previsíveis, nunca me limitei a essa condição clínica, sempre desempenhando todas as atividades pelas quais tinha interesse e mantendo um pensamento positivo.

No processo de formação docente, destaco a parceria e o apoio dos demais acadêmicos e amigos que conquistei no curso de Licenciatura em Educação Física. Apesar de compreenderem minhas limitações, em diversos momentos me apoiaram e me socorreram durante e após as crises de epilepsia.



Ressalto também a dedicação dos professores e coordenadores do curso, que buscaram adaptar a dinâmica das aulas e dos conteúdos propostos, tanto teóricos quanto práticos, para que eu pudesse participar da mesma forma que os demais universitários.

Essas vivências reforçam a necessidade de políticas internas que favoreçam a permanência de acadêmicos com necessidades específicas, bem como o alinhamento de um corpo docente preparado para desenvolver atividades acadêmicas acessíveis a todos, de maneira igualitária e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. P. G., *et al.*. PRINCIPAIS FATORES DE RISCO PARA O ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 3, n.1, 2017. Disponível em: <https://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/155>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BARBOSA, *et. al.* Abordagem Interdisciplinar no Manejo de Pacientes com Crises Convulsivas Recorrentes. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. v. 6, n. 3, p.184-193, 2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1592/1777>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CAETANO, L. C. G. **Promoção de atividade física em indivíduos pós-AVE**. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação (PPGCR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/4a871630-4e1d-47c4-80a6-742b111e3307>. Acesso em: 04 nov. de 2025.

CORREIRA, A. PEDRO, A. Intervenções de enfermagem à pessoa com crise convulsiva no serviço de urgência: scoping review. **Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento**. v. 9, n. 2, 2023. Disponível em: https://www.revistas.uevora.pt/index.php/saude_envelhecimento/article/view/594/1010. Acesso em: 11 nov. 2025.

GARCIA, R. A. B.; BACARIN, A. P. S.; LEONARDO, N. S. T. Acessibilidade e permanência na educação superior: percepção de estudantes com deficiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Número Especial, 2018: 33-40. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2018/035>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/pee/a/n9MVpKJ5r7FTknh9rVv9rdc/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2025.

MARCIAL, G. B. **FATORES DE RISCO E PREVENÇÃO DO AVE: UMA ANÁLISE DOS PRINCIPAIS FATORES DE RISCO E ESTRATÉGIAS DE**



PREVENÇÃO. (Trabalho de Conclusão de Curso). Bacharelado em Medicina – Centro Universitário UNIFACIG, 2024. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositoriootcc/articloe/view/4437/3415>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MARQUES, A. C. R.; OLIVEIRA, S. N.; SANTIAGO, J. da S. Educação Física na Educação Infantil: relato de experiência do Estágio Supervisionado. **Ensino em Perspectivas**. v. 4, n. 1, p. 1–12, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/11392>. Acesso em: 13 nov. 2025.

MOIMAZ, S. A. S. *et al.* Satisfação e percepção do usuário do SUS sobre o serviço público de saúde. *Temas Livres, Physis: Revista de Saúde Coletiva*. v. 20, n.4, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000400019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/mhKYHzfQFwKrLKct9WW4rBb/?format=html&lang=pt> Acesso em: 11 nov. 2025

MOREIRA, L. G.; *et al.* Orientações Fisioterapêuticas para Indivíduos com Acidente Vascular Encefálico Pós-Alta Hospitalar. **Revista Congrega - Mostra De Projetos Comutários e Extensão**. v.16, 2024. Disponível em: <http://ediurcamp.urcamp.edu.br/index.php/rcmpce/article/view/4401>. Acesso em: 05 nov. 2025.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a Elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. **Revista Praxis Educacional** v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez, 2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

OECHSLER, B. *et al.* PROBLEMAS QUE GERAM DEMORA NO ATENDIMENTO AO USUÁRIO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Revista Dom Acadêmico**, v. 2, n. 1, 2022.

PORTE, M. S.; ROCHA, J. D. T.; PEREIRA, C. A. Barreiras de Acessibilidade para Pessoas com Deficiência no Ensino Superior. **Administração Pública e Gestão Social**, vol. 14, núm. 4, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3515/351572930005/351572930005.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SPENCE, J. D.; BARNETT, H. J. M. **Acidente vascular cerebral: prevenção, tratamento e reabilitação**. Porto Alegre: AMGH, 2013. 320 p.

TEIXEIRA. *et al.* Risco de Epilepsia Pós AVC: Fatores Predisponentes. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. v.6, n.9, p.2654-2659, 2024. Disponível em: <https://bjihns.emnuvens.com.br/bjihns/article/view/3641/3784>. Acesso em: 12 nov. 2025.